

# Millôr Fernandes – A cigarra e a formiga

Cantava a Cigarra  
Em dós sustentidos  
Quando ouviu os gemidos  
Da Formiga  
Que, bufando e suando,  
Ali, num atalho,  
Com gestos precisos  
Empurrava o trabalho;  
Folhas mortas, insetos vivos.  
Ao vê-la assim, festiva,  
A Formiga perdeu a esportiva:  
“Canta, canta, salafrária,  
E não cuida da espiral inflacionária!  
No inverno  
Quando aumentar a recessão maldita  
Você, faminta e aflita,  
Cansada, suja, humilde, morta,  
Virá pechinchar à minha porta.  
E na hora em que subirem  
As tarifas energéticas,  
Verás que minhas palavras eram proféticas.  
Aí, acabado o verão,  
Lá em cima o preço do feijão,  
Você apelará pra formiguinha.  
Mas eu estarei na minha  
E não te darei sequer  
Uma tragada de fumaça!”  
Ouvindo a ameaça  
A Cigarra riu, superior,  
E disse com seu ar provocador:  
“Estás por fora,  
Ultrapassada sofredora.

Hoje eu sou em videocassete,  
Uma reprodutora!  
Chegado o inverno  
Continuarei cantando  
– sem ir lá –  
No Rio,  
São Paulo,  
E Ceará,  
Rica!  
E você continuará aqui  
Comendo bolo de titica.  
O que você ganha num ano  
Eu ganho num instante  
Cantando a Coca,  
O sabãozão gigante,  
O edifício novo  
E o desodorante.  
E posso viver com calma  
Pois canto só pra multinacionalma.”

**Millôr Fernandes, Poemas**